

# SILÊNCIO E AUSÊNCIA DE SENTIDO: UMA ANÁLISE DOS TEXTOS PRODUZIDOS NA OFICINA DE LEITURA DO DISCURSO DE EDITORIAL<sup>1</sup>

Alessandra Ilha Nichele (UFSM)<sup>2</sup>

Daniela Leite Rodrigues (UFSM)<sup>3</sup>

*ABSTRACT: This paper aims to present, under the Discourse Analysis (DA) theoretical perspective, the silence which is established in language by the excess whose lack is due to the "too full". In order to do this, it will be analyzed a corpus of texts written by seventh grade students in a Reading Workshop belonging to the research and extension project called PROLICEN. For this purpose we used, as motivation to textual production, the sample of an editorial from Zero Hora newspaper published in June, 2009. We have tried to identify, in two texts, the silence produced by words that, even having grammaticality, from the syntactic point of view, shows up the incompleteness of sense, and, concerning social issues, the students' discourse points to a consumerist tendency which overlaps the question of professional qualification.*

*KEYWORDS: Discourse Analysis; silence; sense; editorial; consumption.*

## 1. INTRODUÇÃO

O ensino de leitura tem nos preocupado porque em diversas situações somos levados a ler textos e a constituir sentido para o que lemos. Esse fato nos mostra que ler não consiste em uma prática com um fim em si mesmo, mas sim um processo para desenvolver múltiplas atividades na vida social e escolar.

Na perspectiva discursiva, entendemos que a leitura pode formar leitores críticos que interpretem/compreendam textos de diferentes gêneros e em diferentes instâncias da vida. Esse modelo de leitura – a leitura discursiva – norteou o trabalho realizado na Oficina de Leitura<sup>4</sup>, cuja proposta foi analisar o processo de ensino de leitura: as necessidades e dificuldades dos alunos

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido na disciplina Língua e Patrimônio – I/2010 –, ministrada pela Profa. Dra. Amanda Eloína Scherer.

<sup>2</sup> Acadêmica do 7º semestre do Curso de Letras da UFSM e bolsista PROLICEN. Contato: nychele@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do 7º semestre do Curso de Letras da UFSM e bolsista FIPE Jr. Contato: danielarodrigs@hotmail.com

<sup>4</sup> A Oficina de Leitura foi realizada no projeto de extensão Leitura Discursiva de Textos (GAP nº 022540), desenvolvido pela professora Dra. Maria Eulália Tomasi Albuquerque, durante os anos de 2008 e 2009.

relativas à interpretação/compreensão de textos em aulas de 7ª série do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de Santa Maria. Essa abordagem visou possibilitar aos alunos construir sentidos e desconstruir sentidos sacralizados ou tidos como naturais.

No presente artigo, buscamos examinar apenas as produções decorrentes de uma das Oficinas realizadas. Delimitamos nossa análise a partir de dois textos de alunos participantes. Considerando a relevância da competência da leitura, nosso objetivo consiste em verificar como se dá a constituição dos sentidos por meio da discussão e reflexão de um texto motivador, orientado pelo professor em sala de aula.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

A noção de discurso distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação formulado por Jakobson (2010) dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem. Temos, então, conforme o referido autor, o emissor que transmite uma mensagem (informação) ao receptor, através de um código, referindo-se a algum elemento da realidade (referente).

Na perspectiva da Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo serializado: alguém fala, refere algo através de um código e o receptor capta a mensagem. Não há essa separação entre emissor e receptor: eles realizam ao mesmo tempo o processo da significação e não estão separados de uma forma estanque. Em lugar da “mensagem”, a AD pensa o *discurso*. Não se trata apenas de transmissão de informações, pois o funcionamento da linguagem põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história. A língua é a condição de possibilidade do discurso.

Todo discurso é um *continuum*, pois estabelece relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes. Todo dizer, na verdade, encontra-se na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação) (ORLANDI, 1999). Ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos, mas não aprendemos como fazê-lo,

ficamos à mercê da ideologia e do inconsciente. Daí o questionamento: por que somos afetados por certos sentidos e não por outros? Certamente o fazemos por nossa relação com a língua e a história, por nossa experiência simbólica de mundo, através da ideologia (ORLANDI, 1999).

De acordo com Orlandi (1999), as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação, além da memória discursiva, contexto imediato, contexto sócio-histórico, ideológico. A memória é tratada como interdiscurso, ou seja, aquilo que fala antes, em outro lugar. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em situação discursiva dada. O dizer, nesta concepção, não é propriedade particular e as palavras não são só nossas. Elas significam pela língua e pela história. *O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe em si mesmo* (em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (reproduzidas). Assim, as expressões linguísticas mudam de sentido de acordo com a posição ideológica daquele que as emprega, uma vez que o sentido é uma relação determinada pelo sujeito – afetado pela língua – com a história. É também gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com sentidos possíveis. A interpretação não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social.

No âmbito da AD, a condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem discursos estão completos, já constituídos definitivamente. A linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. Tomar a palavra é um ato social com todas suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades, etc. O sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual, porque a forma dessa apropriação é social: nela está refletido o modo como o sujeito o fez, ou seja, sua interpelação pela ideologia. O sujeito que produz linguagem também está produzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso, quando, na realidade, retoma sentidos preexistentes. A isso chamamos ilusão discursiva do sujeito.

No panorama que compreende sujeito e sentido, a concepção de silêncio é condição necessária para a significação. O silêncio está presente não só na ausência das palavras como também e – sobretudo – no permeio delas. Conforme Orlandi (1995, p.12-13)<sup>5</sup>, (...) *há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter da incompletude da linguagem: todo o dizer é uma relação fundamental com o não dizer*. O silêncio é, pois, uma constituição daquilo que é o não-dito da linguagem e o que atravessa o que está posto. O silêncio, como categoria fundante da linguagem, é a matéria significativa por excelência e, neste sentido, para Orlandi, “*o silêncio é o real do discurso*” (1995, p.89), ou seja, um *continuum* significativa. Dizendo de outra forma, é o lugar de sentidos que se faz fora da representação no imaginário humano, nas tramas do que o sujeito aprende e transforma em fantasia, em imaginação. Ele (re)significa de outras formas, pois o silêncio não é transparência, ele atua na passagem entre pensamento-palavra-coisa.

Delimitamos a nossa análise na concepção do silêncio fundador, que é o princípio básico da significação. O silêncio está sempre marcado em qualquer texto/discurso. Por isso, a noção de completude, em se tratando da linguagem, é utópica, uma vez que o silêncio é manifesto e é o alicerce da produção e da constituição das bases significantes. No presente trabalho, abordamos o silêncio pelo muito-cheio, pelo transbordar de palavras que produzem sentidos, efetivamente, vazios. Conforme Orlandi

(...) a busca da completude da linguagem – o que implicaria a ausência do silêncio – leva à falta de sentido pelo muito-cheio, mesmo se, do ponto de vista estritamente sintático, há gramaticalidade. Exemplo: *A mulher que eu vi que tinha um livro que era amarelo que tinha comprado para seu primo que morava ao lado...* (1995, p.71).

Expomos até aqui as concepções teóricas sobre a Análise do Discurso e noções sobre o silêncio fundador. Passamos agora a conceituar o gênero discursivo que serviu como instrumento para levar os alunos da Oficina a produzirem textos opinativos com base nos temas dos editoriais selecionados.

No presente trabalho, a definição de discurso refere-se ao funcionamento da língua em práticas comunicativas reais e concretas. Essas práticas são construídas por sujeitos que interagem nas esferas das relações

---

<sup>5</sup> *As Formas de Silêncio: no movimento do sentido* (1995).

humanas e da comunicação, por isso a nossa escolha pelo discurso do editorial, já que são textos de mídia impressa com campo de abrangência amplo.

O editorial, um dos muitos gêneros midiáticos que difundem não apenas informações, mas, sobretudo, opiniões, apresenta-se pertinente a um estudo discursivo-reflexivo. Esse gênero discursivo é veiculado em jornais e revistas e traz o ponto de vista da empresa jornalística ou da equipe da redação em geral. É um texto argumentativo sem assinatura, redigido pelo editorialista, que emite seu posicionamento sobre um determinado tema: notícia, reportagem, entrevista do dia anterior. Nos editoriais, a reflexão dos fatos feita pelo jornalista assume maior destaque que o próprio fato singular abordado. Os editoriais são instrumentos de linguagem e estabelecem uma relação entre o que é dito em um discurso e o que é dito em outros, ou seja, levam o leitor a constituir sentido, tomando como base a posição assumida pelo editorialista, confrontada à posição leitor (efeito-leitor).

### **3. METODOLOGIA**

Para a constituição do sentido do discurso do editorial, desenvolvemos uma Oficina de Leitura em sala de aula com uma turma de 22 alunos da 7ª série de uma escola da rede pública de Santa Maria/RS. Nosso objetivo foi descrever como os alunos constroem a produção de sentido, nos seus textos, a partir da temática trabalhada no editorial selecionado. Isto é, como as escolhas lexicais apontam para as marcas de opinião desses sujeitos.

A Oficina foi conduzida a partir de duas etapas. Em um primeiro momento, foi realizado um trabalho de interpretação e compreensão textual. Nesse estágio, orientamos, por meio das pistas linguísticas, os alunos para constituírem possíveis sentidos do discurso. Para tal procedimento, utilizamos do editorial “A qualificação dos jovens”, publicado na edição nº 2229 do Jornal Diário de Santa Maria no dia 06 de julho de 2009 (Anexo 1). Em um segundo momento, após a leitura e reflexão do assunto abordado no editorial escolhido, os alunos eram instigados a produzirem um pequeno texto a partir do seguinte questionamento levantado pelo professor: De que maneiras, na

sua opinião, a escola poderia se reformular para responder às exigências dos alunos, tornando o ensino mais satisfatório?

Selecionamos para esta análise dois textos produzidos pelos alunos em resposta ao editorial trabalhado, colhidos nessa Oficina e, a partir deles, propomo-nos a identificar o silêncio como evidência de um transbordar de palavras efetivamente vazias de sentido no que toca a proposta inicial (reflexão sobre o papel da escola e as possibilidades de melhorias). Utilizamos, para tanto, fragmentos de dois textos que apresentam tanto o silêncio pelo muito-cheio quanto o sentido produzido e evidenciado pelas palavras.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Iniciamos nossa análise mostrando, a partir de fragmentos dos textos dos alunos, como foram produzidos os efeitos de sentido instigados pelo editorial e pelo questionamento motivador.

##### **TEXTO 1**

“Em todas escola tinha que ter uma coisa muito chamativa. Sempre todos os dias, tinha que ter tudo no inverno arcondicionado, computador, escrever só se quisesse. No verão no fim do aula umas mulheres passeando no praia(...). Alguém que não precise ficar pegando no seu pé “copia isso, faz aquilo”. Vídeo game para jogar na sala, com uma televisão plana (...). Tudo isso em cada escola, mulher, praia, jogo.”

##### **TEXTO 2**

“Os jovens estão cada vez mais deixando a escola para trabalhar, alguma coisa tem errado nas escolas. Na minha opinião as escolas deveriam ter mais acesso a computadores, seria mais fácil para os alunos estudarem e fazerem trabalhos. Tinha que ter professores que

explicassem mais as matérias, pois muitos alunos não entendem, (...) que os professores mostrassem mais filmes, documentários para os alunos (...).”

Podemos verificar, com base nesses fragmentos, que o gesto de leitura dos alunos baseou-se na decodificação de caracteres e em uma produção de sentido desvinculada dos interesses do texto motivador. A produção desses estudantes, em sua prática, não conjuga elementos como: condições de produção dos enunciados e as condições de produção do texto-base. Eles realizam um mero registro de preferências pessoais as quais não condizem com as necessidades reais do contexto escolar. Os textos dos alunos estão alijados das condições de produção e da constituição de sentido que requer o questionamento do professor e o tema tratado no editorial. Os fragmentos apresentados são amostras da dificuldade que os alunos têm de articularem o sentido constituído pelo texto e pela memória sócio-discursiva. Sendo assim, a produção dos alunos não leva em conto o sentido do editorial mas sim as preferências pessoais deles, alijando-se do propósito do questionamento motivador, que é refletir sobre melhorias no contexto escolar. Diante de uma conjuntura sócio-histórica dada, o aluno esvazia seu dizer, posto que não tem discernimento suficiente para determinar o que pode e o que deve ser dito em uma dada situação discursiva.

O silêncio evidenciado nas produções dos alunos não se dá pela falta de palavras, mas sim pelo dizer que não movimenta e que não produz significação, em se tratando da proposta dessa Oficina: levantar sugestões plausíveis para a melhoria da escola e, conseqüentemente, da qualificação profissional dos jovens. O silêncio, a que nos referimos na seção 2 deste artigo, não é constitutivo de sentidos, não está no permeio das palavras, naquilo que elas podem sugerir. Encontra-se, entretanto, naquilo que é dito e que não faz referência à matéria linguística instigadora (o editorial). O texto é saturado linguisticamente, isto é, apresenta um discurso não fundamentado e que “transborda” de vazio no que se refere à proposta inicial (editorial e questionamento motivador). As produções analisadas (Anexo 2 e Anexo 3), enfim, dizem muito sem nada a dizer.

Além disso, foi possível destacar o papel influenciador exercido pela mídia, internalizado pelos jovens e manifesto por meio da linguagem nos textos. Partindo de uma observação do contexto social no qual a escola e os alunos estão inseridos, percebe-se que as condições financeiras os privam do acesso às novidades materiais e tecnológicas e, por isso, a escola apresenta-se a esses alunos como um espaço de possibilidades, de aproximação desse ideal de aquisições. Nesse sentido, conforme Carretoni Filho (2005) – psicoterapeuta do Departamento de Psicologia da PUC-Campinas – o consumo está muitas vezes ligado ao valor simbólico do produto almejado, visto que a aquisição de determinado bem material está relacionado ao status e pode funcionar como identificação com determinado grupo de pessoas ou prestígio social, ou o desejo de consumo pode nascer também de uma lacuna de carência afetiva que precisa ser compensada pelo prazer de consumir.

Ainda segundo Carretoni Filho (2005), o comportamento também pode ser desencadeado pelas relações de grupo. É importante que o jovem esteja atento aos fatores que o impulsionam a comprar: *Muitas vezes alguém de sua turma aparece com determinada pulseirinha. Aí lá vai o jovem atrás de uma pulseira igual para ficar na moda*<sup>6</sup>. E acrescenta que é muito fácil identificar um jovem consumista: *Geralmente eles querem frequentar lugares populares e causar uma boa impressão. Assim, se vestem com roupas que seguem a última tendência, porque querem ver e ser vistos*<sup>7</sup>.

Nos textos analisados, notamos que os alunos silenciam a questão abordada pelo editorial trabalhado em prol de uma satisfação no que concerne ao conforto e ao desejo de pertencerem a uma classe social com maior poder de consumo e de conforto. Isto é, os textos evidenciam uma sociedade consumista, que vê na posse material uma possibilidade de fuga, de sanar suas necessidades, tanto sociais quanto financeiras e afetivas. Para alguns especialistas em Sociologia, esta é uma realidade do mundo atual, diferente do passado, quando os jovens eram mais engajados e a sociedade também vivia um panorama distinto, visto que a idéia de consumo faz parte de um mercado

---

<sup>6</sup> Disponível online no endereço:  
<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/Biblioteca.aspx?v=1&art=49>

<sup>7</sup> Disponível online no endereço:  
<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/Biblioteca.aspx?v=1&art=49>

*fast-food*, onde tudo tem que ser feito, e rapidamente. Carretoni Filho (2005) ressalta:

o comportamento de consumo não se reflete apenas nas compras, mas como os jovens encaram a vida. Note que se um bar novo abre todo mundo o consome até que apareça uma outra novidade. A juventude é levada pelas circunstâncias.

Assim sendo, esses estudos justificam o fato de os estudantes mencionarem em seus textos que a escola deveria possuir TV de tela plana, computadores, vídeo game e ar-condicionado, uma vez que isso satisfaz seus desejos de consumo e os aproximam daquilo que lhes é negado pelas condições de aquisição familiar. A escola é, pois, o espaço para o sonho de possuir, não mais encarada como um centro de formação.

Constatamos durante a Oficina de Leitura que os alunos possuem muitas dificuldades no que se refere a interpretar discursivamente qualquer texto. A leitura é superficial. Eles apresentam ainda deficiência na organização dos argumentos e dos pontos de vista. Não demonstram reflexão e posicionamento consoante às abordagens do professor, tangenciando o assunto central. Ao argumentar que videogames são importantes para a fluência da aprendizagem (“Vídeo game para jogar na sala”), o sujeito manifesta uma vontade pessoal que não condiz com uma necessidade real para que a aprendizagem se efetive. Além disso, no fragmento 2, o aluno apela para facilidade de realizar tarefas escolares com o auxílio de computadores (“Na minha opinião as escolas deveriam ter mais acesso a computadores, seria mais fácil para os alunos estudarem e fazerem trabalhos”), demonstrando que seu posicionamento discursivo considera que apenas a tecnologia possibilita a melhoria das condições do ensino-aprendizagem.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os textos analisados neste trabalho (Anexo 2 e Anexo 3) constituíram-se, basicamente, de relatos de preferências pessoais, cujo objetivo se distanciou daquilo que propunha a atividade de compreensão textual e de escrita. A manifestação textual da opinião dos alunos alijou-se do propósito central: trazer sugestões plausíveis para a reformulação da escola, visando à

permanência dos estudantes. No entanto, constatamos também no discurso desses alunos que há uma valorização no que concerne ao valor simbólico do consumo de bens materiais. Eles priorizam uma questão consumista e silenciam aquilo que a escola poderia proporcionar-lhes como materiais facilitadores para uma melhoria do aproveitamento escolar.

Dessa forma, mantiveram-se inseridos no círculo de passividade que o ensino tradicional estimula e conserva. Retrataram uma opinião carente de argumentos e em um alto nível de desprendimento e despreocupação social. Além disso, o encadeamento textual é deficiente, uma vez que se mostra fragmentado, sem tessitura e operadores linguísticos. A respeito do contexto escolar e sua contradição com o mundo, citamos as palavras de Kleiman e Moraes:

*O aluno sofre diretamente a contradição da escola que, em seu discurso, afirma educar para a cidadania; mas que, na prática, conduz à passividade e ao conformismo ao enfatizar a ordem (a “disciplina”) e o não questionamento (1999, p. 35).*

Por fim, queremos ressaltar que nossa proposta neste trabalho não foi regular o que é certo e o que é errado. Ancoramo-nos em um processo de significação da linguagem: o silêncio. Nessa perspectiva, procuramos trabalhar o funcionamento da linguagem por meio do material social e discursivo. Através dele, buscamos compreender os processos de significação, não com o intuito de discutir inadequações, mas, sobretudo, para problematizar as relações que tornam o discurso produzido pelo sujeito-autor passível de reflexão e análise linguístico-histórica.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KLEIMAN, Ângela, MORAES, Silvia E. *Leitura e Interdisciplinaridade: Tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. (1999) *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed. UNICAMP.

SILVA A. C. B. da. Os editoriais de jornal: uma abordagem discursiva. Florianópolis: UFSC, 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

CARRETONI FILHO, H. *Jovens máquinas de consumo* – Arquivo da Universidade Católica de Campinas, online, Nov-dez. 2005. Disponível em: <http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/Biblioteca.aspx?v=1&art=49>. Acesso em: 13 maio 2010.

**Site consultado:**

<http://www.clicrbs.com.br/dsm/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&section=38&action=noticiasImpressa&id=2561322&edition=12655>. Acesso em: 13 maio 2010.

**ANEXOS****ANEXO 1 – EDITORIAL TRABALHADO NA OFICINA DE LEITURA “A QUALIFICAÇÃO DOS JOVENS” (06/07/2009 | N° 2229<sup>8</sup>)****A qualificação dos jovens**

Particularmente prejudicados no mercado formal de trabalho, os jovens brasileiros, de maneira geral, enfrentam um problema de qualificação para o qual o poder público deveria dedicar mais atenção. A principal razão é justamente a falta de interesse dos estudantes pela escola, como demonstra o economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Neri, no estudo *Motivos da Evasão Escolar*. Por isso, o poder público precisa encontrar formas de segurar os alunos do Ensino Médio em sala de aula até a conclusão dos estudos, evitando que a maioria vá bater às portas do mercado de trabalho sem um mínimo de preparo, como ocorre hoje.

O principal problema a ser enfrentado nesta área é justamente o de que os jovens, em grande parte, não conseguem enxergar a educação como um instrumento básico para assegurar qualidade de vida. Também não costumam se dar conta de que o Ensino Fundamental constitui apenas uma condição mínima para a conquista de uma oportunidade de trabalho. Ao mesmo tempo, o próprio Ensino Médio é excessivamente voltado para preparar quem vai prosseguir com os estudos numa universidade – uma minoria. Quem deixa os estudos de lado antes de concluí-los vai chegar mais cedo e menos preparado ao mercado profissional, correndo o risco de se tornar um profissional permanentemente subaproveitado.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) demonstram que, entre os jovens, a taxa de desemprego chega a ser quase quatro vezes maior do que a dos adultos. O problema ocorre porque os jovens têm menos experiência e, em muitos casos, não valorizaram suficientemente a frequência à escola, o que contribui também para um aviltamento dos salários. As estatísticas confirmam a importância da escolaridade tanto sobre a empregabilidade quanto sobre a renda. O mesmo estudo do economista Marcelo Neri demonstra que, no caso de quem completa o Ensino Médio, a taxa de ocupação passa de 68% para 78%. Ao mesmo tempo, a renda média salta de R\$ 700 para R\$ 1.600. Só isso já seria suficiente para convencer os jovens sobre a importância de não desistir dos estudos, sempre que houver condições para ir adiante.

O país precisa assegurar formas de garantir maior formação educacional para quem está em idade escolar, o que exige maior interesse dos alunos e reformulação do ensino. A escola, como já entendeu o próprio Ministério da Educação, precisa se mostrar capaz de se readequar para contemplar alunos fortemente influenciados por transformações que o mundo enfrenta de forma cada vez mais acelerada.

<sup>8</sup> Jornal Diário de Santa Maria, edição n° 2229, do dia 06 de jun. 2009. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/dsm/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&section=38&action=noticiasImpressa&id=2561322&edition=12655>. Acesso em: 13 maio 2010.

## ANEXO 2 - TEXTO 1

com todas essas coisas que tem como coisa muito chamativo.

Sempre todos os dias, tenho que ter tudo no inverno ar condicionado, computador, escrever só se quiser escrever.

No verão no fim do aula umas mulheres apaixonadas com ~~briga~~ no praia.

É a praia sempre no fim do aula.

Aquém que não precisa ficar pegando no seu pé "copiar isso, fazer aquilo".

Viduo game para jogar no sala, com uma televisão plana.

do aula somente quem gostaria, de escrever.

do para quem não gosto de escrever tudo isso um lado escrito, mulher, praia, jogo.

## ANEXO 3 – TEXTO 2

A qualificação dos  
jovens.

Os jovens estão cada vez mais chegando à escola para trabalhar, alguma coisa tem errado nas escolas.

Na minha opinião as escolas deveriam ter mais acesso a computadores, seria mais fácil para alunos estudarem e fazerem trabalhos, tinha que ter professores que explicassem mais as matérias, pois muitos alunos não entendem, que tivesse livros didáticos para todos os alunos que não precisem ficar pedindo para os outros turmas, que tivesse mais atividades que tivessem um pouco os alunos da sala, porque ficar só dentro de uma sala cansa, que os professores mostrossem mais filmes, documentários para os alunos, que tivesse mais de um ventilador na sala, pois quando está calor muitos alunos ficam sem nada. Eu quero que minha escola fosse assim, pois daí seria muito melhor para os alunos e eles não iriam sair.